

**DE IMIGRANTE POBRE A PEQUENO INDUSTRIAL NO INTERIOR
PAULISTA: A FORMAÇÃO DO EMPRESARIADO INDUSTRIAL EM
RIBEIRÃO PRETO E FRANCA (1890-1960)**

Marco Antonio Brandão

Pós-Doutorando UNESP/LabDES/ FAPESP

maranbrand@yahoo.com.br

Palavras-chave: imigrantes pobres, industrialização, empresariado industrial, Ribeirão Preto, Franca.

Introdução

As gerações mais novas de estudiosos ou um público não familiarizado com a literatura acadêmica sobre a industrialização brasileira, muitas vezes, não conhecem o debate ocorrido no âmbito das Ciências Humanas, ao longo das décadas de 1970 e 1990, responsável por discutir a origem do empresariado industrial no Brasil (entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX). Dessa discussão, surgiram grandes referências sobre o assunto e, ao mesmo tempo, cristalizou uma interpretação sobre o processo econômico desenvolvido na cidade de São Paulo. Ao falarmos de indústria e empresariado dessa época, somos direcionados à capital paulistana, como se o fato em tal localidade fosse um retrato cristalino do Brasil para o período. Entretanto, o surgimento da indústria no interior paulista, mais propriamente nas cidades de Ribeirão Preto e Franca, assumiu contornos os mais distintos em relação ao modelo cunhado para a capital. No caso dessas cidades, o imigrante humilde teve uma participação decisiva na constituição da classe dos industriais.

Assim, num primeiro momento, rememoramos os principais aspectos do debate responsável por fazer da capital paulistana um símbolo da industrialização brasileira no início do século XX. Posteriormente, apresentamos os resultados de nossas pesquisas (tanto de Doutorado, quanto de Pós-Doutorado) sobre a importância dos imigrantes pobres para o desenvolvimento econômico de duas cidades interioranas paulistas: Ribeirão Preto (possuidora de uma industrialização embrionária norteada pelo empreendimento modesto de estrangeiros em um núcleo colonial) e Franca (onde originou-se o polo calçadista, pela iniciativa de sapateiros humildes).

Revisitando a literatura sobre a formação do empresariado industrial no Brasil (1890-1930)

A discussão sobre a formação do empresariado industrial no Brasil, no período em que analisamos, pode parecer para alguns um tema já recalcado e constituir o senso comum para aqueles que têm um mínimo de conhecimento sobre o assunto. Porém é relevante uma breve abordagem para ressaltarmos as principais nuances, difíceis de serem generalizados para além da cidade de São Paulo.

Partimos da interpretação de Caio Prado Júnior¹, segundo a qual o processo de industrialização culminou, no início do século XX, na proliferação de pequenas unidades fabris. Ao analisar os dois censos industriais nacionais (1907 e 1920), o autor constatou ser tal setor da economia sustentado por pequenas instalações, cujos proprietários eram imigrantes que, a princípio, empregaram recursos insignificantes em seus empreendimentos e por conta dos lucros dos momentos prósperos e por um padrão de vida regido pela economia, conseguiram obter algum sucesso.²

Fernando Henrique Cardoso³ não acreditou serem as indústrias existentes no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, capazes de capitanear o desenvolvimento econômico da segunda metade do século. Essa incapacidade devia-se ao fato da administração das mesmas não seguir um padrão racional e profissional adequado. O grupo imigrante e setores oriundos da burguesia rural, juntamente a outros grupos da nova classe média urbana, compuseram a matriz social desse empresariado industrial. A mentalidade arcaica deste somente foi quebrada, quando se iniciou a inversão de capitais estrangeiros na indústria brasileira, depois de 1950, e entrou em cena a figura do administrador profissional.⁴

Em meados da década de 1960, depois de um extenso estudo das maiores unidades fabris paulistanas, Luiz Carlos Bresser Pereira⁵ constatou que 31,2% dos diretores eram de origem italiana, outros 48,8% eram originários de outros países estrangeiros – todos possuíam pais ou avôs nascidos fora do Brasil. Apenas 20% dos diretores eram de procedência nacional. Outra conclusão da pesquisa diz respeito à origem social dos diretores, os dados levantados permitiram concluir que a maioria dos entrevistados (71,5%) era oriunda da classe média.⁶

¹ PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 37ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1976.

² Ibid. p. 265.

³ CARDOSO, Fernando Henrique. **Empresário industrial e o desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

⁴ Ibid. p. 82.

⁵ BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **Empresários e administradores no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1974.

⁶ Os resultados da pesquisa informam que 21,5% pertenciam à classe média superior (principal característica é a educação superior e a profissão liberal do pai; a situação econômica da família é em geral rica, eventualmente remediada). Cerca de 30% pertenciam à classe média (formada de famílias de situação econômica remediada,

Apenas 7,5% pertenciam à classe baixa.⁷ Ao questionar sobre a procedência social de pais e avôs dos diretores, Bresser Pereira constatou ter havido uma mobilidade social intergeracional.⁸

Warren Dean⁹ cunhou a concepção de *burguesia imigrante*¹⁰, ou seja, indivíduos estrangeiros que se estabeleceram no Brasil, a princípio como representantes de empresas estrangeiras e, posteriormente, passaram a fabricar os produtos por eles importados. Quanto ao empresariado industrial nascido no Brasil, Dean sustenta a predominância dos cafeicultores, ou seja, a “[...] quase totalidade dos empresários brasileiros veio da elite rural. Por volta de 1930, não havia um único fabricante, nascido no Brasil, originário da classe inferior ou da classe média, e muito poucos surgiram depois.”¹¹ O imigrante pobre, segundo Dean, “[...] tinha poucas probabilidades de elevar-se acima da classe inferior; quando muito poderia chegar ao nível do comércio varejista ou das oficinas mecânicas.”¹²

O estudo de Sérgio Silva¹³ corroborou as teses de Dean. Para Silva, a indústria no Brasil já nasce grande, mecanizada, emprega centenas ou milhares de empregados. Os responsáveis por tal implantação foram os importadores, ou nas palavras de Silva: “[...] a principal fração da burguesia industrial brasileira, chega ao Brasil como imigrante no final do século XIX ou início do século XX e trabalha como importador”¹⁴. Juntamente a estes, existiram os cafeicultores que viram na indústria uma oportunidade de inversão de capitais e ajudaram a compor o empresariado industrial nascente no país.¹⁵

José de Souza Martins¹⁶ não concordou com o argumento da indústria brasileira já ter nascido grande. Para ele, não é possível desconsiderar a existência dos pequenos estabelecimentos, pois mesmo com suas limitações técnicas e econômicas, eles buscavam atender internamente à demanda de produtos. Porém fracassaram, quando a dinamicidade da economia lhe impôs mercadorias qualitativamente melhores e em quantidade superior. A grande indústria não seria necessariamente fruto da ação individual, mas de pessoas

com pais de educação secundária, em geral, exercendo profissões tais como funcionário público de nível médio, comerciante, industrial ou agricultor de nível médio). E 20% pertenciam à classe média inferior (constituída de famílias em geral pobres ou no máximo remediadas, educação do pai geralmente primária, eventualmente ginásial, profissão do pai, comerciante, bancário, pequeno comerciante, industrial ou agricultores). BRESSER PEREIRA, op. cit. p. 110.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid. p. 124.

⁹ DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

¹⁰ Ibid. p. 26.

¹¹ Ibid. p. 54.

¹² Ibid. p. 59.

¹³ SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 8ª edição. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1995.

¹⁴ Ibid. p. 90.

¹⁵ Ibid. p. 91.

¹⁶ MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas Ltda., 1979.

consociadas. Martins chamou de *mito* a possibilidade de imigrantes destituídos de recursos terem ascendido à condição de industriais. A história do estrangeiro pobre que enriqueceu com seu trabalho árduo fora apenas um estratagema dos patrões para fazer os operários trabalharem mais para enriquecê-los.¹⁷

Poderíamos estender essa análise a tantos outros autores¹⁸, todavia, os citados já bastam para exemplificarmos o papel dado a cada classe, ou grupo social no processo de constituição do empresariado industrial. Com pouca exceção, a *burguesia imigrante* e a *burguesia rural* são as matrizes sociais da *burguesia industrial*. Os imigrantes humildes serviram, basicamente, como mão de obra. Quando analisamos a indústria existente na cidade de São Paulo, essas conclusões são pertinentes, no entanto, acreditamos ser a generalização desse fenômeno para o restante Estado de São Paulo um tanto complexa. Nas cidades interioranas, tal processo possuiu contornos diferenciados, especialmente pelo fato de praticamente tudo nessas cidades, no início do século XX, estar ainda por fazer. Justamente nesse período, muitos imigrantes estavam se radicando nessas localidades, trazendo, além de suas poucas posses, algum *saber-fazer* – conhecimento imprescindível para aqueles que ascenderam socialmente na nova sociedade.

A pequena indústria como forma de mobilidade social para imigrantes pobres

No tópico anterior, averiguamos a origem social do empresariado industrial brasileiro. No entanto, acreditamos que a pequena indústria, muitas vezes formada pelo emprego da mão de obra familiar ou poucos operários, serviu como instrumento de mobilidade social para imigrantes pobres. Estes, ao contrário de uma *burguesia imigrante*, não possuíam muitos recursos econômicos, mas trouxeram consigo, para o Brasil, algum tipo de *saber-fazer* (não possuído pelos brasileiros pobres, escravos, ex-escravos). Na Europa, no inverno, os camponeses ocupavam seu tempo com os mais diversos afazeres, especialmente para terem suas necessidades básicas (moradia, locomoção, roupas, sapatos, ferramentas, dentre outras) atendidas por uma produção doméstica. Ao chegarem ao Brasil, um número considerável dessas pessoas possuía habilidades as mais diversas e algumas souberam tirar proveito desse

¹⁷ MARTINS, p. 148.

¹⁸ Como João Manuel Cardoso de Mello que afirmou que “[...] a burguesia cafeeira não teria podido deixar de ser a matriz social da burguesia industrial, porque era a única classe dotada de capacidade de acumulação suficiente para promover o surgimento da grande indústria” – MELLO, João Manuel Cardoso. **O capitalismo tardio**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 143. Wilson Cano também sustentou que a indústria no Brasil não surgiu, por meio de um processo de transformação da produção artesanal e manufatureira para a industrial – CANO, Wilson, **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 4ª edição. São Paulo: Unicamp/IE, 1998, p. 224-225.

saber-fazer, pois na nova sociedade eram poucas, ou mesmo não havia pessoas com tais atributos.

Ao comparar a mobilidade social de imigrantes italianos no Brasil, Argentina e Estados Unidos, Herbert Klein¹⁹ sustentara ter sido tal fenômeno condicionado ao momento de chegada desses estrangeiros às sociedades de destino. Os italianos chegaram para participar do processo de *revolução industrial e agrícola* nos Estados Unidos, quando lá já estavam instalados os norte-europeus e muitas gerações de nacionais. Desta forma, não foram muitas as opções disponíveis naquela sociedade, as melhores ocupações já estavam preenchidas. Por essa razão, os italianos tiveram que se concentrar em velhas cidades portuárias do Leste (Boston, Nova Iorque e Filadélfia), exercendo atividades pesadas e pouco remuneradas. Esse momento de chegada aos Estados Unidos fez com que várias gerações ficassem estagnadas como membros da classe trabalhadora.²⁰ Segundo Klein, um fenômeno completamente diferente ocorre com os italianos aportados na Argentina e no Brasil. Nestas sociedades, não havia nenhuma grande concorrência com outras etnias, eles tiveram condições de se empregar e acumular recursos, sobretudo no meio urbano. Ou nos dizeres de Klein: “[...] os italianos nessas duas nações passaram rapidamente a compor as novas classes médias que estavam sendo geradas e, já na segunda geração, muitos deles se colocavam muito acima do *status* dos pais.”²¹

Samuel L. Baily²², num estudo semelhante ao de Klein, chegou aos mesmos resultados, ao comparar os imigrantes italianos em Buenos Aires e Nova Iorque. Baily constatou ter sido a participação destes preponderante na instalação de indústrias e no comércio portenho, no final da década de 1880, pois não encontraram concorrência, inclusive dos portenhos, para se instalarem nas melhores ocupações. Já em Nova Iorque, no mesmo período, todas as boas oportunidades de emprego já estavam ocupadas, por isso, restaram a esses imigrantes ofícios como os de barbeiros, sapateiros, mascates, entre outros.²³ Por conta do momento de sua chegada a Buenos Aires e da dinamicidade de sua economia, eles tiveram condições de acumular recursos para ser maioria entre os proprietários de pequenas indústrias e casas comerciais.²⁴

Situação semelhante é encontrada no Brasil, quando da expansão cafeeira pelo interior do Estado de São Paulo. Os imigrantes encontraram sociedades que principiavam seu

¹⁹ KLEIN, Herbert S. *Migração internacional na história das Américas*. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Ed.Usp, 2000, p. 28-29.

²⁰ Ibid. p. 29.

²¹ Ibid.

²² BAILY, Samuel L. *The adjustment of Italian immigrants in Buenos Aires and New York (1870-1914)*. **The American Historical Review**, v. 88, n. 2, p. 281-305, abril, 1983, p. 281-305.

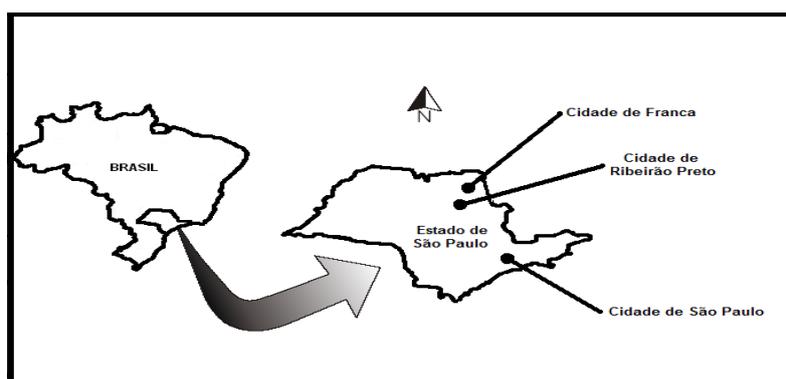
²³ Ibid. p. 285.

²⁴ Ibid.

desenvolvimento, por isso, todas as principais ocupações da economia – com a exceção das funções que exigiam grandes somas de capital, compatíveis à riqueza das elites agrárias – estavam para serem ocupadas. Com isso, exercer um ofício urbano não era algo impeditivo a um imigrante possuidor de algum *saber-fazer*, pois lhe bastava um teto improvisado, poucos auxiliares e, principalmente, um mercado para vender seus produtos. Foi exatamente isso o encontrado por aqueles que se dirigiram às cidades de Ribeirão Preto e Franca. Na primeira, o processo de industrialização se originou dentro de um núcleo colonial, criado para atrair mão de obra imigrante para a lavoura cafeeira. Enquanto na segunda, os indivíduos de origem estrangeira tiveram um papel de destaque na constituição do polo calçadista na cidade.

Imigrantes pobres e pequena indústria nas cidades de Ribeirão Preto e Franca (1890-1960)

As cidades paulistas de Ribeirão Preto (a 336 quilômetros de distância da cidade de São Paulo) e Franca (a 90 quilômetros de Ribeirão Preto) obtiveram expressividade com a expansão cafeeira pelo Oeste do Estado de São Paulo.²⁵ Inclusive, Ribeirão Preto tornou-se um dos principais polos produtores de café, no momento do auge deste grão. A economia francana foi também bastante influenciada por esse produto, no entanto, a pecuária nessa cidade manteve sempre sua importância e deu origem a outro segmento que seria, posteriormente, o principal diferencial econômico do município, o setor coureiro-calçadista.



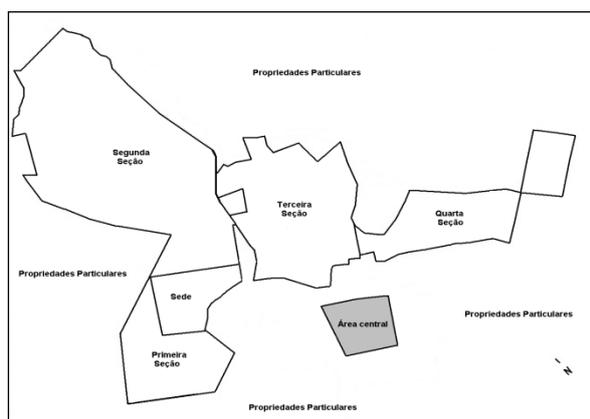
Mapa 01 – localização das cidades de Ribeirão Preto e Franca

Fonte: Adaptado do Instituto Geográfico e Cartográfico (2002)

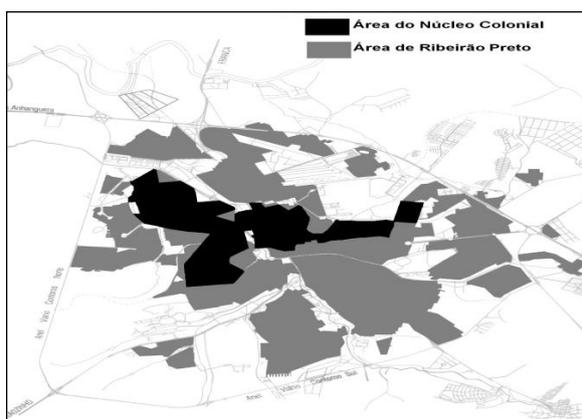
²⁵ BACELLAR, Carlos de A. P. & BRIOSCHI, Lucila (orgs.). **Na estrada do anhanguera**: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 1999.

De laboratorii na Itália a padrone em Ribeirão Preto (1890-1930)

Em 1902, aproximadamente 63% da população de Ribeirão Preto era estrangeira.²⁶ De um total de 52.929 habitantes, 27.765 eram italianos provenientes da região do Vêneto.²⁷ Essa concentração de imigrantes é facilmente explicada pela importância deste município para a economia cafeeira. Tanto que, em 1887, o governo do Estado de São Paulo criou o Núcleo Colonial Antonio Prado nessa localidade para atrair mão de obra para perto dos cafezais. Os candidatos a proprietários de um dos lotes do núcleo colonial, necessariamente não precisavam ter dinheiro, mas apresentar condições para tornar a terra produtiva – por meio de uma produção urbana (industrial), ou rural (hortifrutigranjeiros) –, pois seria do comércio desta produção que os colonos tirariam os recursos para pagar suas propriedades. Conforme observamos no Mapa 02, diferente de outros núcleos coloniais instalados muito distantes de centros urbanos, em Ribeirão Preto, o núcleo ficava próximo ao centro comercial da cidade. Por conta disso, iniciou-se nesse local um processo de industrialização embrionária, cuja principal característica consistia nas pequenas indústrias instaladas pelos imigrantes.



Mapa 02 – Localização do Núcleo Colonial em relação ao centro da cidade de Ribeirão Preto (1887)



Mapa 03 - Área do Núcleo Colonial Antonio Prado na atual malha urbana de Ribeirão Preto

Fonte: Dados obtidos a partir dos originais de SILVA, Adriana Capretz Borges da. **Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto**: os bairros surgidos a partir do Núcleo Colonial Antonio Prado. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Educação e Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008, capítulo 02.

O Núcleo Colonial Antonio Prado foi emancipado do governo do Estado de São Paulo em 1893. Nesse ano, a maioria dos colonos terminou de pagar as prestações de seus lotes.

²⁶ Relatório de 1902 apresentado à Câmara Municipal de Ribeirão Preto pelo Prefeito Municipal Dr. Manoel Aureliano de Gusmão, na Sessão de 10 de janeiro de 1903. São Paulo: Duprat & Comp. 1903. APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

²⁷ CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto**: vinda e vida de imigrante (1890-1900). 2001. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001, p. 72-73.

Com isso, a área do referido núcleo, assim como as atividades econômicas lá desenvolvidas foram incorporadas ao município. Constatamos pelo Mapa 03 acima, que tal incorporação foi de grande importância para a cidade, pois a mesma se expandiu, a partir da área do antigo núcleo. Depois do fim deste, os imigrantes continuaram a ter acesso a terra, pois houve a fragmentação dos lotes em terrenos menores e sua especulação no mercado imobiliário da cidade. O acesso a terra, mediante financiamentos, disponíveis na rede bancária e imobiliária da cidade, e a possibilidade de instalar um pequeno negócio, continuaram a orientar a existência das pequenas indústrias em Ribeirão Preto até 1930.

Por serem fruto de modestos investimentos, esses estabelecimentos possuíam como uma de suas principais características a importância do trabalho artesanal. O pequeno industrial dispunha de poucos auxiliares, um maquinário essencial para aprimorar o trabalho de suas mãos – o essencial para a produção ele trazia em si mesmo, isto é, o *saber-fazer*. Para exemplificarmos tal empreendimento, tomemos a descrição abaixo da fábrica de carroças da família Golfetto, descrição esta pautada nos registros encontrados em um inventário *post mortem* de um dos familiares. Como vemos, o estabelecimento era modesto, no entanto, fora suficiente para garantir não apenas a subsistência da família, mas a aquisição de outros imóveis na cidade:

Um lote de terra no Núcleo Colonial Antonio Prado; um terreno na Fazenda Ribeirão Preto abaixo, no lugar denominado Tanquinho... “onde tem uma oficina de ferraria e carpintaria e uma pequena casa de morada.” ...“Uma casa grande para oficina construída de tijolos coberta de telhas com três compartimentos e uma porta grande e uma janela”; uma casa de morada; uma casa de morada; “uma outra casa construída de tijolos, coberta de telhas (nos fundos da supra) com três compartimentos com um portão e duas janelas; um moinho.

MÓVEIS E FERRAMENTAS EXISTENTES NA CASA DE OFFICINA:

BENS	VALORES
Primeiro: um banco de carpinteiro...	20.000 réis
Segundo: um dito para carpinteiro com prensa...	25.000 réis
Terceiro: um dito com torno...	100.000 réis
Quarto: um dito com torno para furar ferro...	300.000 réis
Quinto: um dito com torno para limar ferro...	80.000 réis
Sexto: um foller grande...	20.000 réis
Sétimo: uma bigorna...	15.000 réis
Oitavo: seis atanazes, duas marretas e dois martelos...	20.000 réis
Nono: sete maçanetas, duas chaves, sendo uma inglesa...	10.000 réis
Décimo: [grafia ilegível]...	10.000 réis
Décimo primeiro: uma serra portuguesa e uma mesa para jantar...	18.000 réis
Décimo segundo: quatro rodas para carroça, obra de madeira, não	

ferradas...	70.000 réis
Décimo terceiro: duas outras rodas para carroça sem cambotas e duas armações para carrinhos...	50.000 réis

Fonte: Processo de Inventário *Post Mortem* de Maria Pissanelli, inventariante Orestes Guilherme Golfetto, substituído por seu pai Marco Golfetto, 1903. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto – APHRP.

A partir desses parâmetros, buscamos comprovar a potencial origem italiana e humilde desse empresariado industrial de Ribeirão Preto. Para isso, utilizamos uma pesquisa empírica com base em documentação fiscal. Esta se constituiu nos Alvarás de Licença de Ribeirão Preto (1891-1902), Livros de Registros de Impostos sobre Indústria, Comércio e Profissões de Ribeirão Preto (1899-1930), no Anuário Comercial do Estado de São Paulo (1904), Estatísticas Industriais do Estado de São Paulo (1928, 1929, 1930) existentes no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Essas fontes não dispunham das nacionalidades das pessoas às quais faziam referência, por isso, adotamos como critério a análise dos sobrenomes, haja vista a peculiaridade dos sobrenomes italianos.

O acesso aos registros de grande parte das atividades industriais, comerciais e profissionais existentes em Ribeirão Preto, entre 1890 a 1930, proporcionou-nos selecionar, por ano fiscal ou de concessão de alvará, todas as indústrias. Dessa primeira seleção, destacamos todos os proprietários com sobrenomes italianos; assim, comparamos quantitativamente a presença dos proprietários de origem italiana em relação aos proprietários brasileiros ou de outras nacionalidades.

As fontes apresentavam recortes temporais nos quais a documentação não estava completa. Além disso, para o ano de 1899, há dois livros com teor semelhante – registros de empresas. Porém acreditamos que um deles se trata de uma inspeção *in loco* dos estabelecimentos. Por isso, na Tabela 01 consta, além dos dados coletados, o tipo de documentação e se estava completa ou não.

Tabela 01 – Registros gerais de pequenas indústrias (1890-1930)

Documentos	Amostras	Total de indústrias	%	Origem Italiana	Origem Italiana
Alvarás de Licença	2.328	446	19,15%	202	45,29%
Livros de Impostos – documentação completa	6.598	1.222	18,52%	701	57,36%
Livros de Impostos – documentação incompleta	4.150	647	15,59%	346	53,47%
Livro de Impostos – 1899	2.145	360	16,78%	207	57,5%
Total	15.221	2.675	17,57%	1.456	54,42%

Fonte: APHRP – Alvarás de Licença (1891-1902); Anuário Comercial do Estado de São Paulo (1904) e Livros de Impostos sobre Indústria, Comércio e Profissões (1899-1930).

Pela análise dos resultados globais, de 15.221 registros, 2.675 eram de pequenas indústrias, ou 17,57% do total. Desse montante, 54,42% possuíam como proprietárias pessoas de origem italiana. Dos 1.452 registros de pessoas com sobrenomes italianos, excluindo os registros fantasias e os registros repetidos, obtivemos 752 registros.²⁸ De posse dos nomes daqueles que foram industriais, faltava-nos comprovar a origem humilde dos mesmos. A documentação que poderia nos fornecer dados sobre essas pessoas, quando ainda eram bastante jovens, foram os *Livros de Registros de Casamentos*, pois geralmente se casava muito cedo, logo após a adolescência. Com isso, havia a possibilidade de muitos terem declarado a profissão exercida ainda na Itália. Dos 752 nomes, encontramos 107 casados em Ribeirão Preto. Com base nesses registros de casamentos, determinamos as nacionalidades dos noivos, suas profissões, assim como as ocupações dos padrinhos, testemunhas dos casamentos. Os resultados referentes à nacionalidade dos noivos apresentam-se na Tabela 02.

Tabela 02 – Nacionalidade dos noivos

Nacionalidade	Noivos
Italiana	81
Brasileira	17
Austríaca	06
Espanhola	01
Não declarada	02
Total	107

FONTE: Livros de Registros de Casamentos do 1º. Cartório Cível de Ribeirão Preto (1890-1930).

Dos 17 noivos de nacionalidade brasileira, 10 eram filhos de italianos (primeira geração nascida no Brasil), e de 7 noivos, a documentação não fornece a nacionalidade dos seus pais, mas pelos sobrenomes, não fica difícil evidenciarmos a origem de seus pais: Giacheto, Franzoti, Codognotto, Ferracini, Codogno, Casanova, Grandini.

Os registros de casamentos contêm as profissões dos noivos e das testemunhas; com base nisso, estabelecemos algumas divisões na pesquisa. Assim, primeiramente selecionamos os *noivos trabalhadores*, cujas testemunhas ou padrinhos, com poucas exceções, eram também *trabalhadores*. Classificamos como *trabalhadores* aqueles que exerciam profissões manuais, com pouca remuneração e baixo prestígio social.²⁹ Comumente, as pessoas convidam para seus padrinhos aquelas mais próximas de seu círculo de convivência, assim as profissões dos padrinhos de um noivo *trabalhador* podem comprovar a origem modesta de seu afilhado. Num segundo momento, analisamos noivos *trabalhadores*, cujos padrinhos

²⁸ Por analogia, essa proporção também ocorre nos demais estabelecimentos e para as outras etnias encontradas na documentação.

²⁹ Dentre as profissões, encontramos: alfaiate, carpinteiro, carroceiro, colono, empregado da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, empregado no comércio, entalhador, ferrador, ferreiro, funileiro, lavrador, marceneiro, mecânico, operário, padeiro, pedreiro, roceiro, sapateiro, tintureiro, trabalhador rural.

exerciam atividades que não eram, necessariamente, próprias de trabalhadores, ou possuíam uma *profissão elevada* – ou aquela que proporcionava *status* social para quem a executava, além de ser bem remunerada.³⁰ Posteriormente, investigamos poucos registros de noivos com *profissões elevadas*, cujos padrinhos eram *trabalhadores*. Finalmente, na última parcela de nossa amostra, analisamos os noivos e padrinhos com *profissões elevadas*.

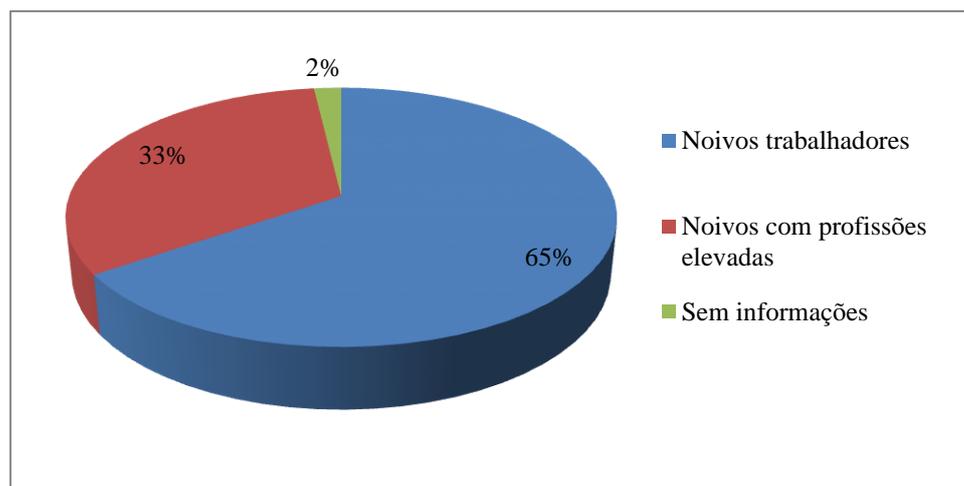
A pesquisa empírica nos revelou os dados contidos na Tabela 03. O Gráfico 01 nos fornece a porcentagem de *trabalhadores* no total da amostra de empresários. Tais dados corroboram nossa tese sobre a origem humilde destes industriais.

Tabela 03 – Profissão exercida pelo empresariado industrial no momento do casamento

Classificação	Total de noivos
Noivos com padrinhos trabalhadores	57
Noivos trabalhadores com padrinhos com profissão elevada	13
Noivos com profissão elevada com padrinhos trabalhadores	04
Noivos e padrinhos com profissão elevada	31
Total	105*

Fonte: Livros de Registros de Casamentos do 1º. Cartório Cível de Ribeirão Preto (1890-1930).

Gráfico 01 – Porcentagem de noivos *trabalhadores* e daqueles com *profissão elevada*



Fonte: FONTE: Livros de Registros de Casamentos do 1º. Cartório Cível de Ribeirão Preto (1890-1930).

Na amostra de 107 industriais, 70 se declararam trabalhadores, no momento de seu casamento. Destes, uma grande parte teve como padrinhos, pessoas que também eram trabalhadores. Com isso, em Ribeirão Preto existiu a possibilidade de pessoas com recursos econômicos modestos, mas possuidoras de algum *saber-fazer*, aproveitarem-se das oportunidades de investimentos, oferecidas pela economia da cidade, para deixar de serem trabalhadores e se tornarem industriais.

³⁰ Dentre outras, encontramos: comerciante, construtor, industrial, médico, negociante, proprietário.

* Dois noivos não declararam a profissão exercida no momento do casamento.

A origem estrangeira do empresariado calçadista na cidade de Franca

Em 1920, existia em Franca uma população de 44.308 habitantes, desses apenas 6.193 eram imigrantes, aproximadamente 14% da população. Do total de estrangeiros, 2.889 eram italianos e 2.281 espanhóis.³¹ Diferentemente de Ribeirão Preto, esses imigrantes encontraram maiores percalços em suas estratégias de mobilidade social, pois não tiveram acesso privilegiado a terra. Uma das características das propriedades rurais francanas, contemporaneamente à chegada desses imigrantes à cidade, era a predominância de pequenas unidades já ocupadas por brasileiros.³² Além disso, os estrangeiros não representaram um manancial preponderante de oferta de mão de obra. Eles tiveram que competir com migrantes nacionais, especialmente mineiros – a distância entre esse município e a divisa com o Estado de Minas Gerais é muito pequena –, atraídos pela possibilidade de melhores empregos. Tendo que disputar as melhores ocupações, os imigrantes, muitas vezes, antes de se radicarem no meio urbano, trabalharam no campo como colonos na terra de outrem ou como lavradores assalariados.

Outra particularidade da economia francana foi o fato do café não ter representado uma monocultura ou um modelo clássico de *plantation*³³, pois nos minifúndios, sítios e chácaras existentes na cidade, existiam outros tipos de cultivos e, especialmente, a pecuária. Antes mesmo da chegada do café ao município, a pecuária era o sustentáculo da economia dessa região. Franca era um entreposto comercial da chamada “Estrada dos Goiaes” – responsável por ligar comercialmente a capital da então província de São Paulo com Goiás e Mato Grosso –, e o forte do mercado francano era o gado, a carne e os couros.³⁴ O mercado de couros da cidade, juntamente aos produtos artesanais feitos, a partir desse produto (arreios, sapatões, sandálias, bainhas, dentre outros) intensificaram a importância da criação de gado no município. Contemporâneo à chegada do café, no final do século XIX, um setor em expansão era o curtumeiro que, além de abastecer um circuito comercial mais amplo (a rota dos tropeiros e, posteriormente, as cidades ligadas pela Companhia Mogiana de Estrada de Ferro), criou condições para o desenvolvimento da indústria calçadista nessa localidade.³⁵

³¹ BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico**: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990). São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 42.

³² BARBOSA, p. 47-50.

³³ Diferentemente de Ribeirão Preto, que era circundada por grandes latifúndios com *terra-rocha* – as poucas terras não interessantes aos fazendeiros foram as que deram origem ao Núcleo Colonial Antonio Prado –, a cidade de Franca era circundada por um arquipélago de médias e pequenas propriedades. *Ibid.*

³⁴ *Ibid.* p. 39.

³⁵ *Ibid.* p. 39-41.

Semelhantemente ao processo embrionário de industrialização ocorrido em Ribeirão Preto (1890-1930), a grande peculiaridade dos estabelecimentos calçadistas surgidos em Franca, entre 1900 a 1960, foi o tamanho destes. Agnaldo de Sousa Barbosa, em estudo referencial sobre esse tema e baseado em farta documentação empírica, demonstrou que esse setor muito lentamente abandonou a fase artesanal de produção. Segundo ele, “[...] o grande capital esteve ausente da formação da indústria do calçado, somente se fazendo presente a partir dos anos 1960, quando o setor já se encontrava plenamente consolidado no município.”³⁶ Tais empreendimentos surgiram do esforço, muitas vezes, de simples sapateiros e suas ferramentas manuais – haja vista que o emprego de máquinas nessas indústrias, até hoje, apenas complementa a habilidade das mãos que, em última instância, são as principais responsáveis pelo produto final.

Apesar dos obstáculos encontrados em Franca, os imigrantes e seus descendentes podem ter encontrado no ramo coureiro-calçadista uma alavanca de mobilidade social. Com isso, questões sobre a origem étnica e social deste empresariado são pertinentes. Com base nisso, pesquisamos todos os estabelecimentos industriais e comerciais registrados em Franca, entre 1900 e 1960. Por não constar, para a maior parte do período, a nacionalidade das pessoas nos livros de *Registros de Firmas Comerciais*, do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, adotamos a mesma metodologia empregada com a documentação de Ribeirão Preto. Ou seja, utilizamos o sobrenome como elemento de classificação. No caso de Franca, diferentemente de Ribeirão Preto, os italianos não se constituíram como uma maioria absoluta, pois foi forte nessa cidade a presença de espanhóis e portugueses. No caso destas duas etnias, o critério do sobrenome é um tanto difícil, pois muitos brasileiros possuem os mesmos sobrenomes (Garcia, Pereira, Oliveira, Silva, entre outros). Por isso, pesquisamos apenas as pessoas com sobrenomes italianos, sírios e libaneses, para evitarmos resultados imprecisos.³⁷ A participação dessas etnias na economia do município nos fornecera uma amostra razoável da inserção dos imigrantes na sociedade francana, sobretudo, nos estabelecimentos que originaram o polo calçadista. Outro ponto a ser explicado, é o fato de denominarmos como *outras* as demais etnias. A partir da década de 1940, houve a discriminação da nacionalidade das pessoas registradas na documentação, o que facilitou nossa classificação. Contudo, quando se tratava de brasileiros, cujos nomes apresentavam grafia italiana, síria e libanesa, classificamo-los em suas nacionalidades de origem.

³⁶ Ibid. p. 66.

³⁷ Cabe ressaltar que, entre os denominados *brasileiros*, estão também muitos dos imigrantes espanhóis e portugueses.

Para uma sistematização da pesquisa, criamos cinco gêneros de atividades para enquadrar as muitas denominações de estabelecimentos existentes na documentação. Na Tabela 04, constam os cinco gêneros de atividades, assim como alguns exemplos de denominação dos estabelecimentos.

Tabela 04 – Classificação dos estabelecimentos industriais e comerciais de Franca (1900-1960)

Gênero de atividade	Denominação dos estabelecimentos
Atividade rural	Exploração de fazenda, exploração agrícola, dentre outras.
Comércio urbano	Armarinhos, fazendas, secos e molhados, farmácia, açougue, papelaria, botequins, dentre outras.
Indústrias outras	Marcenarias, serralherias, benefício de produtos agrícolas, fábrica de sabão, fundições, dentre outras.
Coureiro-calçadista	Curtumes, fábricas de sapatos, confecções de arreios, sapatarias, dentre outras.
Prestação de serviço	Serviços de transporte, oficinas de consertos, pensões, hotéis, dentre outras.

Fonte: Registros de Firms Comerciais, do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Mesmo não sendo esse o propósito desse tipo de registro, algumas atividades rurais foram inscritas na documentação. Apesar de serem em número bastante reduzido, apresentamos esses dados e preservamos o computo total das inscrições. Com base na divisão dos estabelecimentos, buscamos aferir a participação de pessoas de origem estrangeira em cada um dos gêneros de atividade, seguindo recortes temporais de dez anos. A Tabela 05 fornece os resultados obtidos. Os três diferentes tons de cinza denotam o quanto foi participativa a presença de imigrantes no gênero de atividade, ao longo do período apresentado. Assim, o tom cinza claro representa que a participação de imigrantes foi *abaixo do número de nacionais*; o tom cinza médio foi *igual ou muito próximo ao número de nacionais*; e o tom cinza escuro denota que foi *acima do número de nacionais*.

Tabela 05 – Participação de imigrantes e seus descendentes na economia francana (1900-1960)

1901-1910					
Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Atividade rural	04	00	00	00	04
Comércio urbano	91	15	23	10	139
Indústrias outras	03	05	00	00	08
Coureiro-calçadista	16	03	00	00	19

Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Prestação de serviço	00	01	00	00	01
TOTAL	114	24	23	08	171

1911-1920					
Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Atividade rural	00	01	00	00	01
Comércio urbano	66	13	16	13	108
Indústrias outras	03	04	00	01	08
Coureiro-calçadista	14	04	00	02	20
Prestação de serviço	03	03	00	00	06
TOTAL	86	25	16	16	143

1921-1930					
Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Atividade rural	01	01	00	00	02
Comércio urbano	138	39	43	49	269
Indústrias outras	41	22	06	07	76
Coureiro-calçadista	31	17	00	04	52
Prestação de serviço	08	10	00	00	18
TOTAL	219	89	49	60	417

1931-1940					
Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Atividade rural	00	00	00	00	00
Comércio urbano	62	20	22	18	122
Indústrias outras	18	11	02	04	35
Coureiro-calçadista	09	10	01	00	20
Prestação de serviço	01	02	00	01	04
TOTAL	90	43	25	23	181

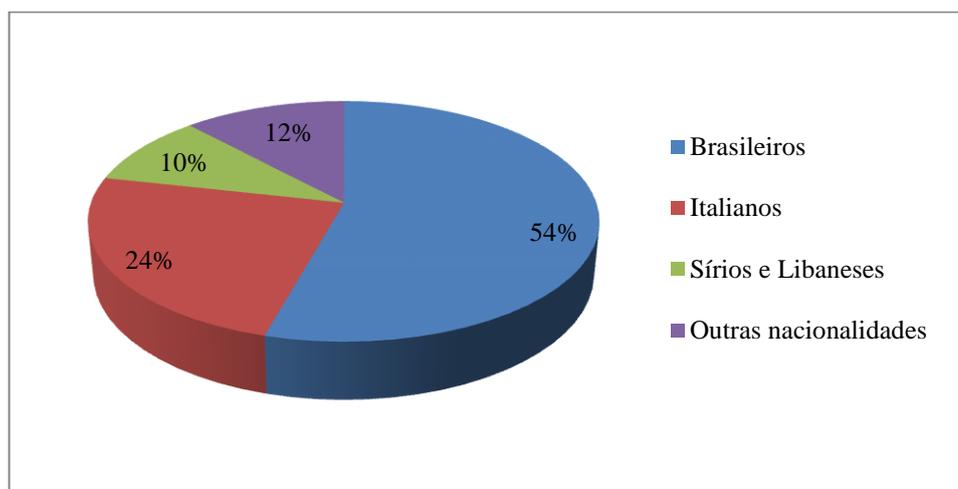
1941-1950					
Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Atividade rural	01	00	00	01	02
Comércio urbano	344	135	69	85	633
Indústrias outras	42	53	17	05	117
Coureiro-calçadista	48	51	02	16	117
Prestação de serviço	40	20	07	06	73
TOTAL	475	259	95	113	942

1951-1960					
Gênero de atividade	Brasileira	Italiana	Síria ou Libanesa	Outras	Total
Atividade rural	00	00	00	00	00
Comércio urbano	308	107	37	65	517
Indústrias outras	25	22	01	02	50
Coureiro-calçadista	26	17	00	08	51
Prestação de serviço	53	36	01	09	99
TOTAL	412	182	39	84	717

Fonte: Registros de Firmas Comerciais, do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

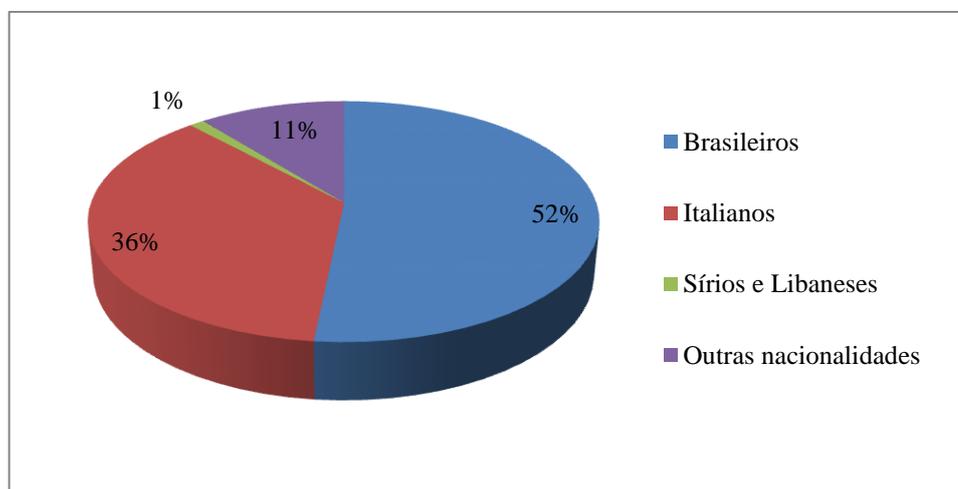
Embora haja, entre 1901 e 1910, certo destaque de pessoas de origem estrangeira, o número, tanto de *indústrias outras*, quanto *prestação de serviço* é muito pequeno. Já a participação em *comércio urbano*, mesmo sendo inferior ao de nacionais, é significativa. Nesse mesmo período, os estabelecimentos coureiros-calçadistas eram, em grande parte, de propriedade de nacionais. Na década posterior, apesar de uma variação de números, a situação continuou muito semelhante; quanto ao setor coureiro-calçadista, houve um aumento no número de estrangeiros. Já na década de 1921 a 1930, houve mudanças consideráveis, pois no *comércio urbano*, o quantitativo de nacionais e estrangeiros foi muito parecido. Houve um aumento importante no número de estabelecimentos coureiros-calçadistas, inclusive a participação de imigrantes, nesse negócio, foi bem significativa. Já na década de 1930, os proprietários de origem estrangeira superaram os nacionais na somatória dos registros. No setor calçadista, embora houvesse queda no número de estabelecimentos registrados, eles superaram os nacionais. Na década seguinte, a mesma situação se repetiu, porém houve uma expansão dos estabelecimentos coureiros-calçadistas e os estrangeiros sobrepuseram consideravelmente o número de nacionais. Na última década do estudo, houve um arrefecimento econômico em todos os gêneros de atividades e a participação de pessoas de origem imigrante esteve abaixo ou próxima à participação de nacionais.

Com relação às porcentagens totais, elaboramos o Gráfico 02 sobre a origem étnica do empresariado francano (1900-1960).

Gráfico 02 – Origem étnica do empresariado de Franca

Fonte: Registros de Firms Comerciais, do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Com relação à formação étnica do empresariado calçadista, dos 279 estabelecimentos existentes durante o período do nosso estudo, 144 pertenceram a brasileiros, 102 a pessoas de origem italiana, 03 a sírios ou libaneses e 30 eram de indivíduos de outras nacionalidades. O Gráfico 03 fornece a divisão percentual dessas etnias.

Gráfico 03 – Origem étnica do empresariado calçadista francano (1900-1960)

Fonte: Registros de Firms Comerciais, do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

A próxima etapa da pesquisa consistia em saber quanto dessas pessoas tiveram uma origem humilde. A documentação utilizada foi composta pelos Registros de Proclamas de Casamentos, responsáveis por fornecer informações sobre as profissões de todos os noivos casados em Franca (1906-1960). Apresentamos tais dados, por meio da Tabela 06.

Tabela 06 – Origem e profissão dos noivos casados em Franca (1906-1960)

Empregados do comércio						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	05	25	33	78	130	135
Imigrantes	01	03	04	03	07	01
Descendentes	00	04	10	37	63	47
Não declarada	00	00	00	00	00	00
TOTAL	06	32	47	118	200	183

Empregados nas indústrias						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	06	29	82	65	105	402
Imigrantes	02	32	47	07	03	01
Descendentes	00	08	50	18	30	100
Não declarada	00	00	00	00	01	00
TOTAL	08	69	179	90	139	503

Empregados no campo						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	532	667	834	577	537	601
Imigrantes	172	230	192	64	18	06
Descendentes	10	129	205	154	105	87
Não declarada	02	00	01	03	00	00
TOTAL	716	1026	1232	798	660	694

Profissionais autônomos						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	09	27	31	28	41	64
Imigrantes	00	02	01	01	00	04
Descendentes	00	02	05	08	17	15
Não declarada	00	00	00	00	00	00
TOTAL	09	31	37	37	58	83

Prestadores de serviço						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	52	148	207	269	416	784
Imigrantes	31	67	41	23	18	14
Descendentes	10	53	111	145	213	282
Não declarada	00	02	00	00	03	00
TOTAL	93	270	359	437	650	1080

Empresariado comercial						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	11	49	41	40	33	85
Imigrantes	10	27	51	35	10	16
Descendentes	01	17	22	41	35	70
Não declarada	00	00	00	00	00	00
TOTAL	22	93	114	116	78	171

Industriais						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	03	05	09	02	06	17
Imigrantes	02	01	02	02	01	01
Descendentes	00	00	02	03	10	19
TOTAL	05	06	13	07	17	37

Proprietários rurais						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	04	06	03	09	28	93

Imigrantes	00	00	00	00	01	00
Descendentes	00	00	00	02	02	01
Não declarada	00	00	00	00	00	00
TOTAL	04	06	03	11	31	94

Setor coureiro-calçadista						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	15	28	32	54	129	139
Imigrantes	05	04	03	02	02	00
Descendentes	01	07	21	37	82	58
Não declarada	19,35%	28,2%	42,85%	41,93%	39,43%	29,44%
TOTAL	21	39	56	93	213	197

Não declararam a profissão						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
Brasileiros	54	31	09	09	11	11
Imigrantes	20	08	02	00	02	00
Descendentes	03	07	06	06	04	06
Não declarada	00	02	00	00	00	00
TOTAL	77	48	17	15	17	17

TOTAL DE CASAMENTOS						
	1906-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960
TOTAL	961	1620	2057	1722	2063	3059

Fonte: Registros de Proclamas de Casamentos realizados em Franca, entre 1906 a 1960. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Usamos a mesma escala de tons de cinza para classificar o quantitativo de pessoas de origem estrangeira em relação aos nacionais, ou quanto mais escuro o tom, maior é o quantitativo de estrangeiros. Poucos são os momentos nos quais os *imigrantes* e *descendentes* se igualam ou superam os brasileiros quantitativamente. Os imigrantes e descendentes se igualaram ou superaram os nacionais, durante algumas décadas, entre o *empresariado comercial*. E, apesar do número pouco expressivo de noivos autointitulados *industriais*, nas três últimas décadas do nosso estudo, o número de estrangeiros e descendentes superou o de brasileiros – isso vem ao encontro de nossa tese. Com relação aos *empregados nas indústrias*, por dois momentos, na década de 1910 e 1920, o número de estrangeiros foi superior ao de brasileiros. Já entre os *empregados no campo*, imigrantes e descendentes sempre foram em menor número.

Outra constatação sobre o universo rural se faz necessária, pois foram poucos os donos de propriedades rurais casados na cidade. Talvez a explicação para isso, deva-se a peculiaridades das propriedades rurais francanas, isto é, elas eram médias e pequenas. Quando esses médios e pequenos produtores rurais iam declarar sua profissão, no momento de se casarem, eles podem ter preferido se autodenominar *lavradores*. Por isso, pode haver muitos destes incluídos na pesquisa como *empregados no campo*. Aqueles que se declararam proprietários rurais ou fazendeiros, talvez fossem, dentre os demais, os grandes proprietários rurais, no sentido *stricto* do termo.

Os noivos *imigrantes e descendentes* do setor *coureiro-calçadista*, mesmo estando em menor número em relação aos brasileiros em todo o período, sempre compuseram um quantitativo expressivo. Nas décadas de 1920, 1930 e 1940, perfizeram um montante, aproximado, de 40% dos noivos desse setor econômico.

Com relação aos proprietários dos 279 estabelecimentos levantados na primeira fase da pesquisa, 144 indivíduos casaram-se em Franca. Destes 72 eram nascidos no Brasil de pais brasileiros; 62 eram nascidos no Brasil de pais estrangeiros; e 10 eram nascidos no exterior. Ou seja, metade da amostra era de origem estrangeira. A Tabela 07 contém a ocupação desempenhada por esses empresários à época de seu casamento.

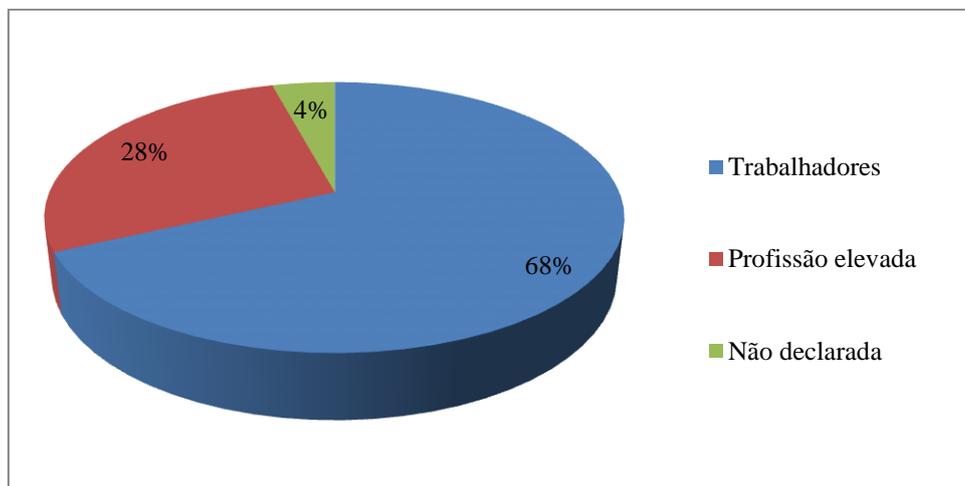
Tabela 07 – Ocupação profissional desempenhada à época do casamento

Atividade exercida	Total
Alfaiate	01
Artista	06
Barbeiro	02
Chauffeur	01
Comerciário	06
Comércio	04
Cortador	01
Cortador de calçados	01
Empregado do comércio	05
Funcionário da Cia. Francana de Eletricidade	01
Industriário	01
Lavrador	07
Marceneiro	02
Mecânico	02
Operário	15
Pedreiro	02
Professor normalista	01
Sapateiro	35
Seleiro	04
Viajante	01
Não declarada	06
Advogado	01
Bancário	01
Cirurgião dentista	01
Comerciante	08
Contador	04
Farmacêutico	01
Guarda-livros	03
Industrial	15
Negociante	04
Proprietário	01
Químico	01
TOTAL	144

Fonte: Registros de Proclamas de Casamentos realizados em Franca, entre 1906 a 1960. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Com base nessas profissões, repetimos as classificações usadas anteriormente, ou seja, a de *trabalhador*³⁸ e *profissão elevada*³⁹. Com isso, o Gráfico 04 apresenta as porcentagens para ambas as categorias.

Gráfico 04 – Origem profissional do empresariado do setor coureiro-calçadista no momento do casamento (1900-1960)



Fonte: Registros de Proclamas de Casamentos realizados em Franca, entre 1906 a 1960. Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Destacam-se entre as profissões declaradas no momento do casamento, aquelas relacionadas a atividades próprias de trabalhadores, ou seja, ofícios manuais, pouco remunerados e sem muito prestígio social. E, em menor número, o quantitativo daqueles com uma profissão mais elevada, com maior status social.

Além dessa constatação, o fato das indústrias calçadistas, nesse momento embrionário, demandarem mais do trabalho artesanal do que de tecnologia e maquinário, o investimento nessa atividade não era um obstáculo aos imigrantes ou aos seus descendentes pobres. O importante para iniciar o negócio era o *saber-fazer* – trazido da Europa, da Síria ou do Líbano, ou aprendido no Brasil, talvez com algum sapateiro.

Considerações finais

A formação do empresariado fabril no interior do Estado de São Paulo assumiu características complexas e até mesmo opostas a certa concordância criada pela literatura

³⁸ Alfaiate, artista, barbeiro, chauffeur, comerciário, comércio, cortador, cortador de calçados, empregado do comércio, funcionário da Cia. Francana de Eletricidade, industrial, lavrador, marceneiro, mecânico, operário, pedreiro, professor normalista, sapateiro, seleiro, viajante.

³⁹ Advogado, bancário, cirurgião dentista, comerciante, contador, farmacêutico, guarda-livros, industrial, negociante.

acadêmica, responsável por associar a figura do industrial com o estrangeiro rico ou com o cafeicultor-investidor e relacionar a pobreza ao imigrante trabalhador. No entanto, no processo de industrialização, ocorrido em Ribeirão Preto e Franca, o imigrante abastado ou o fazendeiro cafeicultor estiveram ausentes. Prevaleceram aqueles que, chegados ao local certo, souberam aproveitar as oportunidades criadas por sociedades que se transformavam em meio à dinamicidade criada pela economia cafeeira.

Os pequenos empreendimentos fabris dessas duas cidades representavam o oposto das médias e grandes indústrias da cidade de São Paulo no mesmo período. Por isso, ao se discutir a industrialização e a imigração no Estado de São Paulo, deve-se levar em consideração que a ação de simples trabalhadores estrangeiros e seus descendentes, possuidores de um *saber-fazer*, pode ajudar a contar uma história importante na formação do empresariado no Brasil.

Referências

- BAILY, Samuel L. *The adjustment of Italian immigrants in Buenos Aires and New York (1870-1914)*. **The American Historical Review**, v. 88, n. 2, p. 281-305, abril, 1983, p. 281-305.
- BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006.
- BACELLAR, Carlos de A. P. & BRIOSCHI, Lucila (orgs.). **Na estrada do anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 1999.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **Empresários e administradores no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- CANO, Wilson, **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 4ª edição. São Paulo: Unicamp/IE, 1998.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Empresário industrial e o desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto: vinda e vida de imigrante (1890-1900)**. 2001. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.
- DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- KLEIN, Herbert S. *Migração internacional na história das Américas*. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Ed.Usp, 2000.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas Ltda., 1979.
- MELLO, João Manuel Cardoso. **O capitalismo tardio**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 37ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 8ª edição. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1995.